

Crónica de uma guerra pela defesa da Pátria

Mesmo no coração de Inhambane

Mário Ferro

«Os bandidos armados são compostos por pessoas que comem e dormem. Nasceram na Rodésia de Smith.

«Quando Smith foi derrotado, sentiu estes elementos como um bebé nas suas mãos e lançou-os para o nosso País.

«Ocuparam as florestas e as montanhas.

«Para desalojá-los vamos fazer da floresta o nosso teatro de operações.

«Em conclusão, temos actualmente duas tarefas principais:

a) A formação do soldado, transformando o civil num verdadeiro militar;

b) O combate ao bandido armado.

«São tarefas que são paralelamente realizadas: enquanto formamos o homem, combatemos o bandido, enquanto formamos o homem na perspectiva apontada, combatemos o bandido, reocupando a floresta.»

— Presidente Samora Machel na sua obra «Vamos fazer da floresta o nosso teatro de operações».

A mata é cada vez mais cerrada. O avanço das viaturas torna-se difícil e elas arrastam-se num passo idêntico ao da tartaruga, que chega a ser enervante. A coluna move-se uns vinte a trinta metros e pára de seguida; são vinte minutos de espera, enquanto lá à frente homens de todas as idades, entre camponeses e militares, vão rasgando a floresta com os seus machados para facilitar o acesso das viaturas.

O sol vai subindo e, à medida que sobe, torna-se mais quente. Pelos rostos de cada um, caem gotas de suor e as camisas, que estão no corpo há quase três dias, começam a ficar ensogadas, tornando-se um charmariz para as moscas que esvoaçam incessantemente sobre as cabeças ou as costas de cada um.

Havíamos deixado Cuhulo lá para trás, há quase quatro horas. Dali ao principal acampamento dos bandidos armados, tomado e ocupado cinco dias antes pelas nossas Forças Armadas, a distância não é longa. São apenas vinte e poucos quilómetros.

Um militar avisa-nos que estamos próximos do nosso objectivo. Mas as constantes paragens da coluna são um verdadeiro convite para uma marcha a pé. Naquele momento, é menos incómodo e menos irritante caminhar do que estar em cima de um camião.

Preferimos a marcha. Saltamos para o terreno, procuramos caminhar por onde já foi caminhado e juntamo-nos a um grupo de militares que, em fila, avança pela mata em direcção ao principal acampamento dos bandidos armados. Colocamo-nos entre o homem da metralhadora pesada, com as fitas de munições em bandoleira, e o homem da bazuca. Isso dá-nos uma sensação de confiança, de protecção.

Com eles progredimos durante mais de uma hora. Não é uma marcha forçada, nem sequer acelerada, porque a tarefa dos militares, é proteger a coluna que vem atrás, abrindo o caminho, enquanto outros montam segurança pelos flancos. Temos de andar devagar.

Os militares fazem a progressão em silêncio, olhando para todos os lados à procura entre a densa vegetação sinais do inimigo. Faz-se uma paragem. Aproveita-se para fumar um cigarro, o que é contra as normas das técnicas de combate, um pouco aligeiradas, naquele momento, porque se sabe que lá à frente já não estão os bandidos armados, mas sim as nossas tropas. A autoconfiança vem ao de cima.

Um soldado pede-nos um cigarro. Nós pedimos-lhe água do seu cantil. É o espírito de entre-ajuda, a amizade que se cria, quando as dificuldades são comuns e os perigos a que estamos expostos são idênticos. Ali não há diferenças. Há homens apenas, cada um com as suas responsabilidades.

Aproveitamos a paragem para trocar impressões com os militares. Ao pé de nós está o homem das comunicações. Fala-nos das mensagens que recebeu e das que enviou. E diz-nos que as nossas unidades andam a bater a zona ao encalço dos bandidos armados que fugiram do seu principal acampamento.

— Ainda ontem ao meio-dia e meia terminou um combate — adianta-nos o radiotelegrafista. Diz-nos que, tal como nós, é a primeira vez que avança para o local, o que provoca um sorriso nos lábios de outros militares, que estão a ouvir a nossa conversa em surdina, porque eles tinham participado no ataque que conduziu à ocupação da Planície de Manianje.

Sobre as nossas cabeças ouve-se o chilrear dos passarinhos, que saltam de galho em galho. Passamos à curta distância de uma colmeia de abelhas, pendurada no ramo de uma árvore. Dá para apreciar o incessante trabalho colectivo do enxame e isso faz-nos pensar como nós, naquele momento, não estaríamos a imitá-lo.

A MATA ESTÁ CALMA

O sossego e a tranquilidade dos passarinhos e das abelhas prova-nos que a mata está também sossegada e tranqüila. Dá-nos mais confiança, quando se retoma a marcha. Minutos depois, começamos a ver entre o arvoredo algumas palhotas e homens fardados. Alguém chegase a nós e esclarece-nos:

— É o nosso posto avançado. Agora é que estamos mesmo a chegar. Aqueles são dos nossos. Estão a montar guarda à nossa principal força que está lá no principal acampamento.

Mais alguns metros a pé, entramos numa área de árvores altas e frondosas. A sua sombra, escondidas, há palhotas construídas aqui e acolá. Era ali onde se albergavam os bandidos armados. Dizem-nos para caminhar por um trilho. Estamos na direcção onde as nossas forças instalaram o comando na zona.

Descansamos alguns minutos. Bebemos água dos cantis ou garrações. Outros conseguem arranjar alguns lanhos. Já repousados, o Major-General Domingos Fomdo convida-nos para uma pequena reunião.

Sobre uma mesa, construída de finos toros de madeira, com o seu tampo formado por varas de bambu, o comandante militar abre o mapa da provincia de Inhambane. E, com uma varinha na mão, diz-nos do local onde nos encontramos, falando-nos de seguida do esforço que as Forças Armadas fizeram para escurraçar os bandidos armados de várias posições estratégicas:

— Em 1982, os bandidos estão em Mocodueno, na Planície de Maliquile. Entre Julho e Setembro desse ano, lançámos uma operação, durante a qual liquidámos muitos bandidos e capturámos muito armamento. Eles saíam de Tome e, quando tomámos e ocupámos aquele acampamento dos bandidos em Tome, eles dispersaram-se. Uns vieram para o sul e outros foram para a zona costeira, indo centrar-se em Cambine. Houve também os bandidos que se desviaram para Cichocoje.

O Major-General Domingos Fondo interrompe a sua explicação porque alguém lhe faz uma pergunta de esclarecimento. Depois, o comandante militar continua:

— Uns vieram acampar em Vavati. Outros foram para Pembe. Instalaram-se aqui, na Planície de Manianje, onde montaram o seu principal esconderijo. Aqui próximo há a Lagoa Diquilla, com água potável e onde se podem pescar peixes.

Um jornalista pergunta ao Major-General se ele tem informações sobre a presença de sul-africanos na zona ou se sabe se os sul-africanos abasteciam os bandidos armados:

— Sabemos que, em tempos, havia indivíduos de raça branca com os bandidos armados. Seriam talvez sul-africanos. Foram evacuados por via aérea, quando começámos a apertar o cerco, a partir de 1982. Os sul-africanos faziam desembarques e embarques navais em Paidano e em Vilanculo, o que não acontece agora. Também utilizavam uma pista de aviação. Não traziam somente armas e munições, comida e outro material. Transportavam pessoas de e para a África do Sul, incluindo os chefes dos bandidos armados.

Outra pergunta é colocada ao Major-General Fondo. Pretende-se saber se, mais recentemente, há informações da presença dos sul-africanos na zona. E o comandante militar responde:

— Tal como ouviram há pouco da mulher com quem conversei, a última vez que apareceram por aqui helicópteros foi por altura do fim do ano. Desembarcaram caixas com material. Talvez a população que aqui estava, nos possa explicar melhor.

A ESTRATÉGIA GLOBAL

O Major-General Domingos Fondo fala-nos depois da estratégia global, que levou os bandidos armados de derrota em derrota. Diz-nos que até 1982, a situação na província era bastante crítica. Os bandidos armados estavam por todos os lados. Tinham vindo do centro, atravessando o rio Save para sul, em Massangena. Não se podia viajar de carro, atacavam aldeias, cantinas e projectos económicos. Tinham semeado o terror, a intranquilidade e a insegurança por todo o lado.

Nesse ano, é feita a reestruturação da organização militar no País. São criados os comandos militares provinciais. Oficiais-generais são destacados para cada província e ao Major-General Domingos Fondo, que até então tinha à sua responsabilidade as províncias de Gaza e de Inhambane, passa a comandar apenas a província de Inhambane.

Dali em diante, tem início todo um esforço para aliviar a pressão dos bandidos armados, que haviam chegado às portas da cidade de Inhambane. Entrou-se pela floresta, tomaram-se e ocuparam-se posições dos bandidos armados. Hoje, podem-se percorrer grandes distâncias sem problemas de maior.

A actividade económica e comercial foi retomada nos distritos da província. Procedeu-se depois à reestruturação administrativa. Implantam-se localidades administrativas e desmembram-se distritos, cuja superfície era bastante extensa. Cria-se, por exemplo, o distrito de Funhalouro, para diminuir a área do distrito de Massinga.

Concentra-se a atenção na organização das Forças Armadas e na organização da população em milícias. Melhora-se o aspecto logístico e faz-se chegar a comida ao soldado. A maior parte dos militares anda fardado de camuflado e caçado. Nas próprias Forças Armadas, organiza-se a assistência médica. E Domingos Fondo acrescenta:

— Em 1984 a situação começou a melhorar. No primeiro semestre de 1985 já se realiza o movimento entre o Save e Zandameia. Depois da destruição do acampamento dos bandidos armados em Tome, as nossas forças foram avançando. Primeiro Maboite, depois Vilanculo, Tsenane e Saúde. No final do ano passado, conseguimos ligações terrestres entre todos os distritos da província.

NO CORAÇÃO DE INHAMBANE

A reunião havia terminado. O Major-General Fondo convidou-nos para visitar o principal acampamento dos bandidos armados. Antes, porém, dá ordens para distribuir rações de combate entre os jornalistas. Uns bebem sumos, outros comem qualquer coisa. Há um aviso para não se comer muito, porque isso tornaria o corpo pesado.

Em fila, partimos para a visita. À nossa frente, vai o Capitão Orlando Victor, que comanda as tropas ali estacionadas. Outros oficiais, que participaram na tomada e ocupação do acampamento fazem-nos companhia.

Entre eles o Capitão Chibuta, o Alferes Langa e os comandantes Bilica e Guerra. Nesta nossa posição, há tropas que são do Comando Militar de Gaza. E isto explica-se pelo facto de a operação, com o nome de código «17.º aniversário dos nossos Heróis», ter sido decidida em Dezembro último numa reunião conjunta dos Comandos Militares de Maputo, Gaza e Inhambane.

Somos conduzidos por debaixo do arvoredor. Do ar, não é fácil descobrir-se construções ou a presença de pessoas no chão debaixo das copas. De facto, o local havia sido bem escolhido pelos bandidos armados e, como disse o comandante militar, a Planície de Manianje é um ponto estratégico. É o coração de Inhambane.

Passamos por um descampado, para entrarmos de seguida na mata. Até que paramos. Vem a informação: aqui os bandidos armados assassinavam as suas vítimas. Por debaixo das árvores, vemos ossadas envoltas em camisas, calças ou capulanas. Mas a frente chegamos o pestilento odor a provocar náuseas de um cadáver em decomposição. A vítima não havia sido assassinada há mais de 10 dias.

— Os bandidos armados, quando queriam matar alguém, traziam-no para aqui. Amarravam os pulsos da vítima às árvores e depois fuzilavam-na. Deixavam os restos mortais em decomposição. Por isso, vocês podem ver este cemitério de ossadas — é a explicação que recebemos.

Depois, somos convidados a abandonar o local, para continuar a visita ao principal acampamento. Entramos num outro descampado, que os bandidos utilizavam para jogar o futebol. Voltamos à mata e, debaixo das árvores, surgem aos nossos olhos dezenas de palhotas.

Prosseguimos a visita, até que chegamos a um local que nos dizem ter sido o «comando» dos bandidos. Construções melhoradas, de bom aspecto. Nada foi destruído pelas nossas forças. Mostram-nos onde o chefe vivia e onde os bandidos faziam as suas reuniões.

A etapa seguinte do programa é ver os bens e as armas recuperadas aos bandidos armados nesta operação. Na exposição apresentada há de tudo um pouco. São metralhadoras, espingardas e pistolas, são motorizadas e bicicletas, são candeeiros a petróleo, rádios, giradiscos e reprodutores de cassetes, máquinas de costura, ferros de engomar, mobiliário diverso e utensílios de uso doméstico. Todos os bens foram roubados à população durante os assaltos feitos pelos bandidos armados.

Falamos com pessoas libertadas pelas nossas Forças Armadas dos bandidos armados. Entre elas, há muitas mulheres adolescentes, esbeltas e bem feitas, de seios rijos e espetados, que serviram para saciar o apetite carnal de homens sem escrúpulos nem moral.

Faz-se a distribuição de roupa e de comida. Diz-se que é necessário dar assistência médica às pessoas ora libertadas, a maior parte cheias de feridas nas pernas. Algumas contam-nos o cativo que viveram.

— Nós somos do Machel. Chegámos aqui porque o Machel quer a paz e que toda a população viva bem. Não queremos bandidos. Nós, os do Machel, vamos trabalhar para vocês terem roupa e comida e para que possam construir as vossas casas em lugar seguro — diz-lhes o Major-General Domingos Fondo.

JÁ NA PONTA FINAL

A visita dura mais algum tempo, até que tudo está visto. É tempo de partir, porque outros programas estão à espera dos jornalistas. O Major-General Fondo ordena que a coluna seja organizada para iniciarmos a viagem, sem que antes tenha dito que alguns bens recuperados aos bandidos armados deverão ser transportados, para irem para o museu.

O comandante militar tem um último encontro com os seus oficiais que comandam as unidades que estão em Manianje. Não sabemos qual é o tema da conversa, mas pelos gestos tudo indica que se discute a aplicação de um carregamento de material que a coluna havia transportado, para abastecimento das tropas que tomaram e ocuparam o principal acampamento dos bandidos armados.

A viagem de retorno a Cuhulo torna-se mais rápida pela simples razão de que já não é necessário estar a abrir a picada. Avançamos mais velozmente, mas por vezes temos de fazer uma paragem por razões técnicas. Se há uma machamba ao pé, aproveitamos para colher umas maçarocas de milho ou então uns pés de mandioca.

Junto a um poço de água há bananeiras. Alguém diz em voz alta que seria saboroso comer umas bananas. Mas de rápido surge um aviso: «Cuidado amigo, o terreno pode estar minado. É preferível ficar com água na boca do que ficar sem um pé».

A tardinha chegamos a Cuhulo. A jornada é longa e mesmo muito dura. Em todos se vê no rosto um cansaço físico que não é fingido. A noite chega, serve-se o jantar que é arroz com feijão, com alguma cerveja à mistura, que os militares fazem questão em oferecer aos jornalistas, ficando eles a beber água.

De novo a distribuição dos cobertores. De novo se indicam os locais onde se vai dormir. O rádio sintoniza as estações emissoras para saber das últimas no mundo. Não há nenhuma notícia surpreendente. Apenas se comenta um infeliz apontamento da emissora britânica BBC sobre o nosso País, quando diz que a situação em Moçambique «é periclitante» e que estamos «a defender o indefensável»...

Para quem anda pela mata e conhece a realidade, tal patranha da BBC cheira mesmo a propaganda contra nós. Nos jornalistas esse apontamento se, por um lado, provoca gozo, por outro causa indignação. Nos jornalistas estrangeiros há também o mesmo sentimento e deles surge um comentário: «Não há maneira de a Europa entender a África».

Dorme-se repousada e tranquilamente. Às cinco da manhã é o despertar. Dali em diante esperam-nos outros trabalhos. Deixamos Cuhulo depois das despedidas e dos nossos agradecimentos pelo acolhimento hospitaleiro ali dispensado. Pedem-nos para voltar e, no meio deste convite, há uma frase que nos leva a meditar: «Voltem para aqui. Vive-se melhor aqui do que na cidade. Há muito trabalho a fazer».

Ao meio-dia estamos em Homoine. Faz-se uma entrevista ao Major-General Domingos Fondo, almoça-se bem como há uns dias que não acontecia. Há cerveja e sura para acompanhar, tudo muito gelado, quase em pedra. Depois do almoço, deixa-se Homoine, atravessam-se aldeias e povoações, machambas de mandioca, milho e feijão e, ao fim da tarde, estamos a entrar em Inhambane.

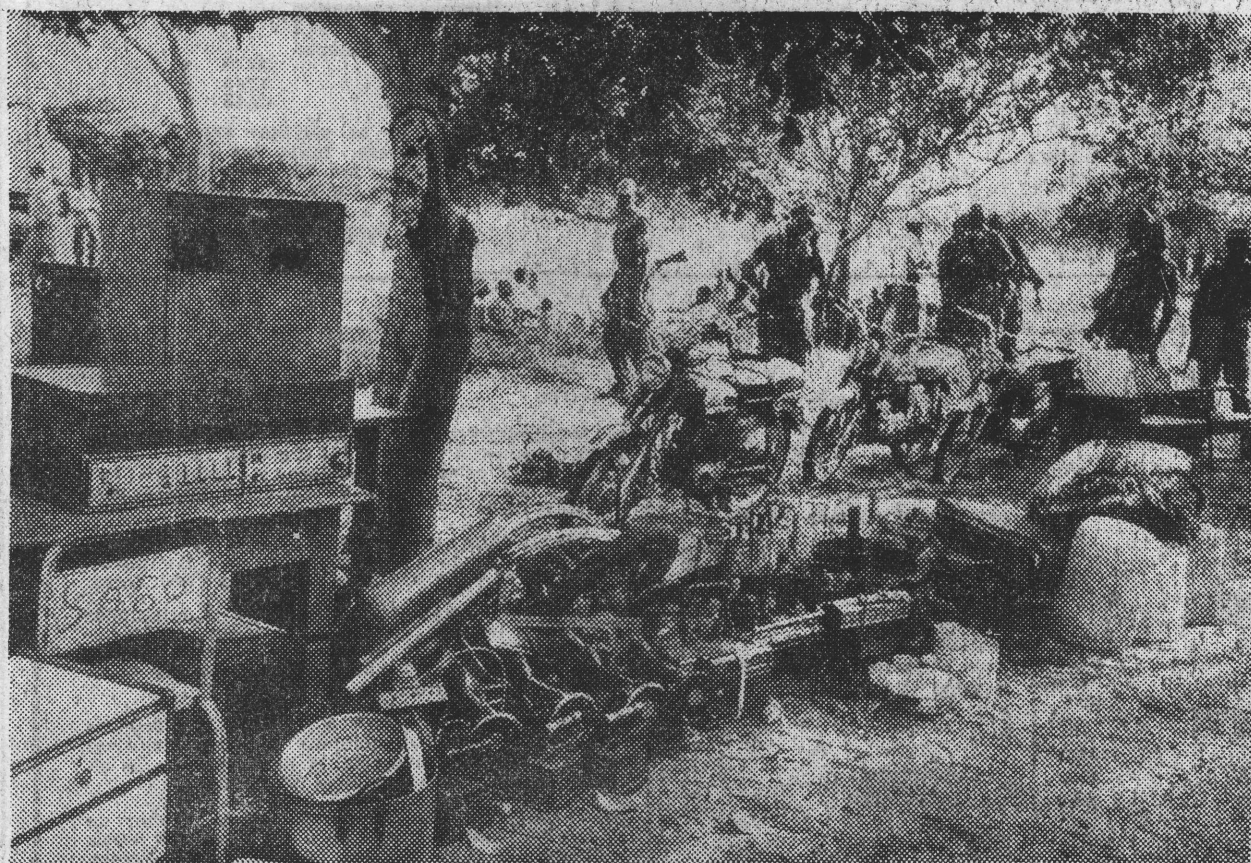
O cansaço é tal que existe muita vontade para só dormir. A manhã seguinte foi de descanso. Aproveita-se para se fazerem umas compras. Vai-se ao mercado. A batata-doce está a 75,00 MT o quilo, o rolo de papel higiénico a 55,00 MT, a mandioca a 50,00 MT o quilo, as atas a 100,00 MT o quilo.

A hora do almoço chega. Quando se está à mesa, ouve-se o barulho do avião, a sobrevoar a baía para se fazer à pista. Cerca das quinze horas estamos no aeroporto. Alguns minutos depois prepara-se o embarque e o Major-General Domingos Fondo vem até à porta da aeronave para se despedir de nós.

Separamo-nos com um forte aperto de mão e, olhos nos olhos, das nossas bocas saem algumas palavras: «Até breve. Feliz das por aí». Muito obrigado por tudo». Dez minutos depois o avião ergue-se no espaço, toma altitude e dirige-se à capital do País. Maputo prepara-se para mais um fim-de-semana.



Um aspecto parcial do acampamento dos bandidos armados tomado e ocupado pelas nossas Forças Armadas em Fevereiro último, junto à Lagoa Diquila, em Manianje



Parte dos bens recuperados pelas nossas Forças Armadas aos bandidos armados, na tomada do seu principal acampamento na provincia de Inhambane